

# UM ESPAÇO PARA A SOLIDARIEDADE: REFLEXÕES A PARTIR DO LIVRO ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA<sup>1</sup>

Fábio Carvalho Nunes<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente trabalho, tendo como ponto de partida o livro “Ensaio sobre a Cegueira”, de José Saramago, célebre escritor português e Nobel de Literatura, faz reflexões geográficas e sociológicas sobre a construção do mundo contemporâneo. Através do artigo pode-se observar que é possível a apreensão da realidade de diversas maneiras, sendo o romance uma importante fonte de análise.

**Palavras chave:** Geografia da Literatura, Sociologia da Literatura, José Saramago, Contemporaneidade.

## ABSTRACT

The present article, having as starting point the book “Ensaio sobre a Cegueira”, of José Saramago, it makes geographic and sociological reflections on the construction of the world contemporary. Through the article it can be observed that the apprehension of the reality in diverse ways is possible, being the romance an important source of analysis.

**Keys words:** Geography of Literature, Sociology of Literature, José Saramago, The present time.

---

<sup>1</sup> Reflexões a partir do romance de José Saramago **Ensaio sobre a cegueira**, 22<sup>a</sup> edição, Editora Companhia das Letras, São Paulo, 1995. 310p.

<sup>2</sup> Licenciado em Geografia, Msc. em Geoquímica e Meio Ambiente, Doutorando em Geologia Costeira e Sedimentar pela UFBA. Prof. da FTC-EaD e do Curso de MBA em Auditoria e Gestão Ambiental da FACCEBA. Rua Nona do Parque, número 34, Gleba B. CEP. 42809-310. Camaçari, Bahia. E-mail: [fcnunes76@gmail.com](mailto:fcnunes76@gmail.com). Telefone: (71) 4111-0563 e (71) 9201-1091.

## **INTRODUÇÃO**

“É muito saudável socialmente a gente falar muito pouco do que está vendo. É tão perigoso... que a maioria acaba não dizendo o que vê nem para si mesmo.” (GAIARSA, 1986).

Desde os primórdios, por questões de própria sobrevivência, a mente humana é impregnada de idéias geográficas, isto porque precisava coletar alimentos, dominar e conviver com o seu meio. Por isso um escritor, mesmo sem utilizar conscientemente de elementos geográficos, os expressa inevitavelmente em sua narrativa.

Através do romance, uma forma específica de representação do espaço geográfico se coloca, de acordo com a ótica do autor (BASTOS, 1993), trata-se, por conseguinte, de uma imagem particular do mundo. O espaço revelado através de uma ficção pode trazer em si vários aspectos da realidade, porque nela o autor se baseia e não é feita apenas de forma explícita; as metáforas ultrapassam as barreiras do denotativo, conferindo a cada leitor grandes possibilidades de análises, próprias da viagem fantástica que cada um pode realizar através do pensamento.

O mundo pode ser apreendido de várias maneiras e o romance apresenta-se como uma delas, servindo muitas vezes como denúncia de uma situação existente ou prevista. Daí a importância deste ensaio, que se propõe a refletir sobre a realidade do mundo contemporâneo, através do livro “Ensaio sobre a Cegueira”, de José Saramago, célebre escritor português, humanista e Nobel de literatura. Seu romance é, ao mesmo tempo, uma denúncia, reflexão, bem como proposição para a construção de um mundo mais solidário, possível de se realizar quando cada um de nós, fecharmos os olhos e nos descobrimos cegos, para que então possamos realmente enxergar (com os olhos da alma) o que estamos fazendo conosco e com nossos semelhantes.

Então está na hora de realizar esta viagem, através da literatura e da Geografia (a qual não é menos que uma aventura), convida-se então o leitor a embarcar, a afrouxar os cintos... e decolar!

## **CRÍTICA DA LOUCURA PURA**

“Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.”

“Não se trata apenas de reparar no significado das coisas, mas também de proceder à reparação do que foi perdido, ou mutilado (...).”

Uma crítica à loucura pura aos homens e mulheres que constroem e reconstróem o espaço contemporâneo só seria possível num mundo de cegos, porque “só num mundo de cegos as coisas serão o que verdadeiramente são”, por isso, José Saramago convida a viajar através da ficção mais real da história.

Automóveis parados diante do sinal vermelho do semáforo, assim começa a narrativa. Um dia aparentemente normal na cidade, “*os carros parados numa esquina esperam o sinal mudar. A luz acende-se, mas um dos carros não se move. Em meio às buzinas enfurecidas e à gente que bate nos vidros percebe-se o movimento da boca do motorista, formando duas palavras: Estou cego*”. Trata-se do primeiro caso de uma cegueira branca, altamente contagiosa, que acomete a cidade e se alastra além de suas fronteiras.

“... é como se estivesse no meio de um nevoeiro, é como se eu tivesse caído num mar de leite” - diz a personagem - “Mas a cegueira não é assim, disse o outro, a cegueira é negra, Pois eu vejo tudo branco...” (p.13).

O vermelho será a última visão através das retinas que o primeiro cego guardará da realidade, trata-se da primeira grande metáfora do livro, que conduz à reflexão do mundo em desatino. O vermelho do despontar das trevas (mas de uma treva branca), que obriga a parar, observar para tentar descobrir o que está acontecendo, num espaço - a cidade - onde a competitividade é mais acentuada, porque nela o capitalismo flui mais facilmente, dado o império das técnicas que aceleram o tempo e torna cada vez mais fluido não só o espaço, mas, sobretudo, as relações entre as pessoas.

A cidade de nossos dias é o espaço que esposa ansiosa as técnicas que aceleram o tempo, onde os carros são mais um dado que a conforma. Nela, a corrida para absorver, concretizar o tempo em ações imediatas, faz com que as pessoas se enxerguem muito menos e isto diminui a paciência. Sem paciência não é possível entender o outro, vê-lo em verdade, por isso, a solidariedade desaparece, não sendo possível a construção de um espaço real mais justo e solidário.

No mundo contemporâneo a competitividade, o consumo e a confusão dos espíritos são baluartes do estado de coisas que acometem à sociedade. A competitividade e o consumo comandam às nossas ações e a confusão dos espíritos impede o nosso entendimento do mundo e de cada um de nós (SANTOS, 2000).

Vivemos num mundo fabricado pelo homem, onde a cidade é a expressão espacial onde as coisas mais se realizam, por conseguinte, onde mais aparecem os problemas gerados pela estrutura sócio-econômica e nela devemos reaprender a viver.

Segundo Santos (1993) o tempo se dá pelos homens:

“O tempo concreto dos homens é a temporalização prática, movimento do mundo dentro de cada qual e, por isso, interpretação particular do Tempo por cada grupo, cada classe social, cada indivíduo. A cidade é o lugar em que o Mundo se move mais; e os homens também. A co-presença ensina aos homens a diferença. Por isso, a cidade é o lugar da educação e da re-educação.”

Por isso, não é à toa que em meio à rotina da cidade contemporânea a trama do romance começa a se desenvolver.

Um dos principais fundamentos das sociedades atuais é a informação, que encontra alicerce na produção de imagens e do imaginário, confundindo mais do que esclarecendo. Segundo o psicanalista Gaiarsa (1986), como “o olhar está presente – e preside – a quase tudo o que somos, que fazemos, que acontecemos, a maior parte das forças de repressão social e de seu controle, concentram-se contra a visão”.

Em seu ensaio sobre a cegueira Saramago conduz o leitor a refletir sobre o mundo real (envolto em fábulas), a ficar cego, a vacinar-se contra o mundo das aparências, para que possa então enxergar melhor a si mesmo e ao outro. Através dos olhos das personagens cegas, as quais aos poucos são compelidas a mergulharem em seus instintos mais básicos, o leitor é chamado a ver o mundo com outros olhos, a resgatar o afeto e a solidariedade.

## A CEGUEIRA BRANCA: METÁFORA DO MUNDO DAS FABULAÇÕES

Saramago atenta para um mundo construído por cegos, cegos que vêem mas não enxergam, isto porque vivem num mundo confuso, confusamente construído, dado à cegueira de seus operários. A cegueira branca é uma bela metáfora, observemos então, com sabor, como o escritor expressa o sentimento do primeiro cego, depois de ter sido conduzido para casa e lá se encontrava só, esperando sua esposa chegar do trabalho:

“Chegara mesmo ao ponto de pensar que a escuridão em que os cegos viviam não era, afinal, senão a simples ausência da luz, que o que chamamos de cegueira era algo que se limitava a cobrir a aparência das coisas, deixando-os intactos por trás do seu véu negro. Agora, pelo contrário, eilo que se encontrava mergulhado numa brancura tão luminosa, tão total, que devorava mais do que absorvia, não só as cores, mas as próprias coisas e seres, tornando-os, por essa maneira, duplamente invisíveis” (p.16).

O alerta da cegueira branca é o mesmo alerta que Santos (2000) faz quando enfatiza que para a realização do mundo atual é necessário o exercício constante de fábulas – *o mar de leite que encobre a verdade das coisas e dos objetos, tornando-as de certa maneira duplamente invisíveis* – “porque quando tudo permitia imaginar que se tornara possível à criação de um mundo verás, o que é imposto aos espíritos é um mundo de fabulações”, ao invés de produzir grandes relatos. Tal alerta também é feito por outros cientistas sociais como Robert Kurz e Luís Mir.

“Em que medida a realidade é real? Essa pergunta do construtivismo (Paul Watzlawick) parece impor-se cada vez mais à consciência social. A dúvida quanto à realidade da existência há muito tornou-se popular na ficção científica...” (KURZ, 1998), refletindo um sentimento que permeia o imaginário coletivo. Provavelmente tudo na era das técnicas da informação e da comunicação pode ser simulado, inclusive o homem, que fez de si algo supérfluo. O referido autor ainda denota que talvez o indício mais forte do império da cultura da simulação é o fato de certos homens não se levarem a sério e nem mesmo saberem se realmente existem.

Mir (2004) refletindo sobre as facetas do Estado também dispara:

“O Estado Liberal, a moral humanitária e o progresso coletivo são meros artifícios que mascaram uma brutalidade latente, um desprezo completo pela vida. Mais além de supostas fascinações retóricas através das suas mentiras - que foram muitas e constantes -, constataremos uma única verdade: o nosso mundo, a nossa sociedade é pura falsidade, um embuste estabelecido; não existe a nação como integração, superando as contradições que há nos distintos coletivos sociais, nem o Estado é instrumento da lei e árbitro de sua aplicação. Mentiram sem limites – diria Arendt -, assentados sobre uma única verdade que a realidade empenha-se em negar”.

José Saramago - e seu alter-ego no romance - vão além, e ainda denunciam a habilidade que adquirimos em negar as nossas próprias agressões.

“... Com o andar dos tempos, mais as actividades de convivência e as trocas genéticas, acabámos por meter a consciência na cor do sangue e no sal das lágrimas, e, como se tanto fosse pouco, fizemos dos olhos uma espécie de espelhos virados para dentro, com o resultado, muitas vezes, de mostrarem eles sem reserva o que estávamos tratando de negar com a boca.” (p.26).

Como se tanto fosse pouco, o mundo em desatino é fruto da insensatez, que a todo tempo devora as verdades nuas, transformando-as em inverdades sugestivas.

## **O TEMPO LENTO E A FORÇA DOS CEGOS**

Outro aspecto importante a se analisar é que as pessoas ao ficarem cegas, descobrir-se-ão homens e mulheres lentas. Peço permissão de Milton Santos para fazer o trocadilho: A força dos cegos será o seu tempo lento. Se no mundo atual “velocidade é força”, os cegos quase imóveis no espaço seriam os homens lentos e, por isso, os que redescobririam o mundo com mais facilidade, simplesmente pelo fato de terem diminuído a marcha; os cegos sentir-se-ão fracos pela perda da visão e conseqüente diminuição de marcha, como fracos terão no seu tempo lento a força para redescobrirem o afeto e a solidariedade.

Milton Santos provoca:

“Quem vê mais, quem é mais ágil em matéria de elaboração de pensamento, o ativista arrogante e suado que pensa estar perto do povo somente porque reside na porta da fábrica, ou o intelectual rigoroso e modesto, preso ao seu escritório, sentado na poltrona?” (SANTOS, 1993).

Qual o homem que re-descobrirá o afeto e refletirá melhor sobre o que estamos fazendo conosco e com nossos semelhantes?

## **NOS ESPAÇOS DE EXCLUSÃO O SURGIMENTO DE ESPAÇOS SOLIDÁRIOS**

Os representantes oficiais (formais), tentando evitar a evolução do contágio, vão confinando os cegos num manicômio (o qual é mantido sob uma vigilância rigorosa) e, ao passo que o problema evolui, mais cegos são ali postos, tornando as condições de sobrevivência mais precárias.

É como se o Estado para resolver a situação, e, “em nome do bem estar social”, aplicasse o conselho de um velho conhecido das Ciências Sociais, Thomas Malthus:

“... devemos facilitar a ação da natureza que produz a mortalidade... em nossas cidades, deveríamos construir as ruas mais estreitas, apinhar mais gente no interior das casas e provocar o retorno de pragas” (MALTHUS, 1961).

Será que Saramago também não estaria nos (re)lembrando como o Estado, em todo o mundo, procura resolver as mais diversas questões da sociedade, criando espaços de exclusão ou espaços sem cidadãos? Luís Mir desabafa:

“Não podemos mais admitir que se construam novos campos de lento extermínio, novas favelas, novos Auschwitz... Devemos fazer, inclusive do silêncio, um grito de resistência”. (MIR, 2004).

Saramago vai além, ultrapassa as barreiras do visível, fazendo da cegueira branca um elo para que se enxergue a escuridão de nossos dias.

Entregues à própria sorte, os cegos terão no manicômio todo o tempo do mundo para sentirem de perto o bafo quente da loucura, que degrada e separa o ser de seu

semelhante, a serpente, o dragão que dilacera o paraíso do mundo social com egoísmo, intolerância e antropofagia, pois carcome a alma boa do imaginário coletivo. Vão sentir na pele as palavras de Thomas Hobbes – o homem é lobo do homem -, pois segundo o referido filósofo a natureza fez os homens iguais, de onde deriva o anseio de adquirir os mesmos fins, motivo pelo qual o homem é naturalmente inimigo de todo o homem; “a natureza os fez homens capazes da autodestruição” (OLIVEIRA, 1993). “É desta massa que somos feitos, metade de indiferença e metade de ruindade”, diz a personagem.

Mas o homem não é só feito “desta massa” e esta mensagem ecoa em Ensaio sobre a cegueira, lembrando-nos a “responsabilidade ter olhos quando os outros os perderam.” No manicômio os cegos também aprendem as boas faces da loucura, esta, como diria Erasmo de Roterdã (2004), que por ter nascido de Pluto (a personificação grega da riqueza) pode pôr de pernas para o ar todas as coisas, conduzindo a seu capricho tanto à guerra quanto à paz.

No mundo atual confiar cegamente em alguém seria uma loucura? Pois bem, a partir do momento que as personagens são confinadas no manicômio, a única personagem que vê (em oculto) conduz um grupo de cegos a confiar cegamente um no outro, enfatizando que só assim conseguiriam sobreviver. Tendo que confiar na percepção do outro, passam a enxergar o mundo através de outros olhos.

O filósofo Husserl (1913) nos ensinou que embora a visão individual seja importante, apenas através dela não é possível se chegar à apreensão da realidade, pois é impregnada pela ideologia e pela visão fragmentada do mundo pelo homem, o qual em seu dia a dia percebe apenas o que os seus sentidos alcançam de imediato, dentro do mosaico de paisagens que compõem a realidade. Ver através do outro amplia as fronteiras de nossa percepção, de nosso entendimento do mundo, do outro e de nós mesmos. Ampliamos nossa cultura e a visão do real se expande, permitindo que novos paradigmas venham a se instalar.

Só confiando um no outro, de mãos dadas, é que os cegos conseguem sair do manicômio e re-descobrem a cidade; uma cidade que não é mais a mesma, ela fede e precisa ser reinventada. O humanista Saramago parece sussurrar e a grandeza de suas palavras faz ecoar: é preciso reinventar a cidade e para isto é preciso recriar o



homem. Só é possível sobreviver à barbárie da autoflagelação humana enlaçando as mãos, diluindo as fronteiras que separam as etnias e as nações.

É preciso, por isso, diluir os espaços de exclusão e construir novos espaços de solidariedade. A despeito das aparências, é nos espaços de exclusão que se nota o surgimento dos neoespaços solidários, e são exatamente os homens comuns, os pobres, os flagelados, segundo Milton Santos, os atores que estão descobrindo uma nova solidariedade na cidade. Onde impera o absurdo, os limites do imponderável, pode emergir e tem emergido soluções para a desordem; realmente no caos habita a ordem, ou seria, quem sabe, a (re)invenção da ordem?

Ensaio sobre a cegueira é uma obra de um visionário, que deslumbra pela sua imensidão.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Segundo a Antropologia Comportamentalista o que o homem é não está decidido de uma vez para sempre, nas palavras de Oliveira (1993) o homem revela-se como essencialmente aberto; seu comportamento não está simplesmente predeterminado e pré-decidiado pelo sistema instintivo, o que significa que ele pode e deve conquistar-se. “O homem não é pura e simplesmente, mas se faz no mundo através de sua ação”. O ser pode, apesar da cegueira que comanda a sociedade globalitária, transformar-se e construir um novo mundo.

É na cidade, onde se observa de forma mais intensa a multiplicidade de culturas, de tempos e de espaços (inclusive de ciberespaços), que se têm as maiores possibilidades de se construir um novo homem, e, por conseguinte, novos espaços. Oxalá! Que na urbe venha a nascer, largamente, homens com outros olhos, que enlacem as mãos na construção de um mundo melhor. O romance de Saramago sinaliza a possibilidade, através do despertar surgido a partir da experiência da exclusão.

Embora os temas do horror estejam cada vez mais presentes em nosso cotidiano, potencializados através das “telas” da mídia, a cidade apresenta fenômenos sócio-espaciais de “enorme conteúdo teleológico, apontando para um mundo diferente

e melhor” (SANTOS, 1993). E são nos espaços de exclusão e/ou nos espaços de quase impotência (onde impera tempos lentos), que têm surgido novas possibilidades. A leitura da beleza é possível e está presente nos livros e na vida, querendo contribuir para um Ensaio sobre a lucidez.

## REFERÊNCIAS

- BASTOS, A.R.V.R. **Geografia e os romances nordestinos das décadas de 1930 e 1940**: uma contribuição ao ensino. Dissertação de Mestrado, USP, São Paulo, 1993.
- GAIARSA, J.A. O que é corpo. **In**: Primeiros passos, Volume II.. São Paulo, SP: Editora Círculo do Livro, 1986. p. 77-121.
- HURSSERL, E. Las esencias y el conocimiento de ellas. **In**: Ideas relativas a una fenomenologia pura y una fenomenológica. México, Fondo de Cultura Económica. 1913.
- KURZ, R. **Os últimos combates**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 4ª edição, Parte III – A realidade irreal. 1998. p. 127-134.
- MALTHUS, T. R. **Essay on the principle of population**. New York: Dutton. 1961
- MIR, L. **Guerra Civil**: Estado e trauma. Geração Editorial, São Paulo, 2004. 956p.
- OLIVEIRA, M.A. de. **Ética e Sociabilidade**. São Paulo: Loyola, 1993 (Coleção filosofia: 25). p.11-54.
- ERASMO. D. **Elogia da loucura**. Porto Alegre: L&PM, 2004. 144p.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 2.ed., Rio de Janeiro, Record, 2000. 174p.
- SANTOS, M. Metrópole: a força dos fracos é o seu tempo lento. **Ciência & Ambiente**, IV(7) Jul/Dez, 1993. p. 7-12.